

intergerações



Documentários e fotografias sobre ofícios, lembranças e esquecimentos em Florianópolis-SC.  
 Imagens de bastidores das oficinas audiovisuais realizadas em quatro cantos da cidade.  
 Artigos de José Carlos Ferrigno e João-Francisco Duarte Jr. sobre memória e envelhecimento.

Iniciativa e Produção



Apoio



Realização



Ministério da Cultura



Distribuição gratuita. Conteúdo livre para exibição em eventos culturais sem fins lucrativos.



Este livro digital *Intergerações* - bem como as fotos e textos aqui presentes - está licenciado sob uma licença

Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Não Adaptada.

Para detalhes acesse: [http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt_BR)

# intergerações

*artes do fazer e do lembrar*

1ª Edição - Florianópolis - SC

Organizado por Daniel Choma e Tati Costa

Câmara Clara, 2012



## intergerações

artes do fazer e do lembrar

### Coordenação Geral

Daniel Choma e Tati Costa

### Artigos

José Carlos Ferrigno

João-Francisco Duarte Jr.

### Fotografias

Chico Rocha (pgs. 39, 49 e 51)

Maurício Martins (pgs. 08, 42, 45, 50)

Tati Costa (pgs. 01, 06 e 56)

Daniel Choma (capa e demais fotos)

### Produção

Câmara Clara - Instituto de Memória e Imagem

### Apoio

Instituto 3 Vermelho - Ponto de Cultura Baleeira

Banda da Lapa - Ponto de Cultura Ed. Mus. Popular

Rádio Campeche - Ponto de Cultura TOCA

LIS - Laboratório de Imagem e Som - UDESC

### Realização

Prêmio Cultura Digital 2010 - Cultura Viva

Ministério da Cultura - Governo Federal

E-mail: [contato@camaraclara.org.br](mailto:contato@camaraclara.org.br)

Websites: [www.camaraclara.org.br](http://www.camaraclara.org.br) e [www.intergeracoes.org.br](http://www.intergeracoes.org.br)

I61 **Intergerações** - artes do fazer e do lembrar : / organizado por Daniel Choma e Tati Costa ; Artigos de José Carlos Ferrigno e João-Francisco Duarte Jr. - 1. ed. - Florianópolis : Câmara Clara, 2012. 56 p. : il.; 22 cm.

ISBN: 978-85-62002-07-6

Acompanha DVD com quatro documentários

1. Fotografia. 2. Cultura digital. 3. Artesanato. 4. Memória.  
5. Envelhecimento. I. Choma, Daniel. II. Costa, Tati.

CDU: 77

*Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071*

**Nas fotos de capa e ao lado, rendas de Florentina Olina Coelho.**





## documentários

**Versos da Ilha.** 13

**Naquele Tempo.** 15

**Serenata de Natal.** 17

**Camará Blues.** 19

## oficinas

**Ribeirão da Ilha.** 21

**Armação.** 23

**Campeche.** 25

**Itacorubi.** 27

## artigos

**Artes do fazer e do lembrar.** 09  
Daniel Choma e Tati Costa.

**Os portadores de nossa  
memória cultural.** 29  
José Carlos Ferrigno.

**De canetas e artesanias,  
identidades e funções.** 38  
João-Francisco Duarte Jr.



## Artes do fazer e do lembrar

por Daniel Choma e Tati Costa

**Uma entrevista representa** muito mais que simples jogo de perguntas e respostas. Trata-se essencialmente de um encontro, **um encontro das diferenças**, conforme sugeriu o cineasta brasileiro Eduardo Coutinho.

**Da cultura do artesanato manual – de redes e rendas - com a cultura digital**, esta que também é feita com as mãos, mas em interação com máquinas filmadoras, fotográficas, informáticas.

**Encontro de diferentes gerações**, a dos entrevistadores, que nasceram entre as décadas de 1970 e 1990, e a dos entrevistados, que nasceram entre as décadas de 1920 e 1950.

**Encontros entre nativos e imigrantes, da terra e do ar, da água e do fogo.** Diferentes origens, percursos, códigos, gêneros, linguagens.

Nesse processo, somente o respeito e admiração em conhecer *o outro* podem conduzir à harmonia - sem a qual não se entoam cantigas, canções.

Este texto inicia-se nos encontros, afinal, nos diálogos e redes estabelecidas residem os mais importantes objetivos alcançados com as ações do projeto **Intergerações** em Florianópolis-SC.

Encontros proporcionados pelas oficinas de foto, vídeo e memória digital realizadas nos bairros Ribeirão da Ilha, Armação, Campeche e Itacorubi, e que envolveram setenta e um participantes; nas vinte entrevistas realizadas com senhoras e senhores da ilha sobre seus ofícios e artes do fazer; na organização de publicações e saudável intercâmbio com os autores José Carlos Ferrigno, João-Francisco Duarte Jr. e Euclides Sandoval.

No projeto Intergerações, produzido pela Câmara Clara, trabalhou-se o audiovisual e a fotografia como ferramentas para a integração geracional, acionando a cultura digital para o registro e difusão da cultura artesanal. Iniciativa contemplada com o Prêmio Cultura Digital 2010, do programa Cultura Viva do Ministério da Cultura e Governo Federal.

Para a realização das oficinas contou-se também com o apoio da Banda da Lapa - Ponto de Cultura Educação Musical Popular, Instituto 3 Vermelho - Ponto de Cultura Baleeira, Rádio Campeche - Ponto de Cultura TOCA – e Laboratório de Imagem e Som da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Como forma de democratizar o acesso aos resultados, realizou-se a produção deste Livro e DVD com os curtas **Versos da ilha, Naquele tempo, Serenata de Natal** e **Camará Blues**, bem como a publicação do site [www.intergeracoes.org.br](http://www.intergeracoes.org.br).



Tela inicial do site Intergerações.

Acesse:  
[intergeracoes.org.br](http://intergeracoes.org.br)  
[camaraclara.org.br](http://camaraclara.org.br)  
[bandadalapa.com.br](http://bandadalapa.com.br)  
[cineclubearmacao.blogspot.com](http://cineclubearmacao.blogspot.com)  
[tocapontodecultura.blogspot.com](http://tocapontodecultura.blogspot.com)  
[radiocampeche.com.br](http://radiocampeche.com.br)  
[lis.faed.udesc.br](http://lis.faed.udesc.br)



Dentre os ofícios artesanais pesquisados a Renda de Bilros recebeu destaque, por sua importância na cultura ilhéu e estética encantadora.

**Nos audiovisuais estão presentes** personagens da Ilha de Santa Catarina que já tem bom tempo *de estrada* nessa vida. Senhoras e senhores portadores de histórias, memórias e saberes que precisam ser registrados e difundidos às novas gerações. Para que os laços que reforçam os sentidos de pertencimento não se desfaçam em esquecimento. Laços que unem presente, passado e futuro. Laços cada dia mais tênues, frágeis, sob tensão e desatenção do progresso desordenado.

**Na dinâmica da roda-viva do tempo**, as artes do fazer se reinventam, atualizam-se, ganham novas significações. Pois entre os efêmeros instantes de névoa, chuva e sol, a vida continua a pulsar, onde cada qual tem a sua linha do tempo a desenrolar. Com originalidade tece sua rede, sua renda, a fazer, desfazer e refazer nós. Nesta ilha que todos compartilhamos só o encantamento com a diversidade permitirá que a vida seja, de fato, como cantou Vinícius de Moraes, “a arte do encontro”.



documentários \_intergerações



## Versos da ilha

[ 10' | HD | 2012 ]

**Memórias femininas sobre uma ilha em descobrimento.  
O tempo em movimento expresso nas cantigas de roda,  
versos de 'ratoeira', narrativas e gestos de simpáticas rendeiras.  
Elas têm em comum o ofício da Renda de Bilros, uma arte do fazer  
que há gerações é passada de mãe para filha. Entre linhas, bilros e  
lembranças, faz-se a trama dos cantos e encantos da cultura ilhéu.**

DIREÇÃO, FOTOGRAFIA E EDIÇÃO: Daniel Choma | PESQUISA E PRODUÇÃO: Tati Costa | TRILHA MUSICAL: Domingos de Salvi, Alma Terra Duo  
ENTREVISTADOS: Anita Maria Lopes de Moraes, Marlene Carolina Lopes, Zenaide Maria de Souza, Isolina Machado Oliveira, Juliana Machado da Silveira, Daura Lúcia Correia,  
Florentina Olina Coelho | 1ª CÂMERA: Daniel Choma | 2ª CÂMERA: Chico Rocha, Aline Maciel, Sérgio Aspar, Anderson André Lima | ENTREVISTAS: Tati Costa, Giselle Miotto,  
Sara Melo, Alexandre de Medeiros | SOM: Tati Costa, Reginaldo Maurício Ferreira | FOTO STILL: Carlos Eduardo da Cunha, Maurício Martins, Camila Evaristo da Silva



Aldo Correa de Souza, pescador.

documentários \_intergerações



## Naquele tempo

[ 10' | HD | 2012 ]

Do tempo da conversa, sem pressa. Conversa em verso e prosa.  
Das narrativas sobre bruxas, feitiçeras e lambisomens que habitavam  
os dias e noites do imaginário ilhéu. Até a chegada da luz,  
do dilúvio de acelerações, da compressão do espaço-tempo.  
Rupturas e esquecimentos - até que os ventos mudem de sentido.

DIREÇÃO, FOTOGRAFIA E EDIÇÃO: Daniel Choma | PESQUISA E PRODUÇÃO: Tati Costa | TRILHA MUSICAL: Domingos de Salvi, Hemersom Calandrini e André Henrique | ENTREVISTADOS: Alesio Passos, Aldo Correa de Souza, Florentina Olina Coelho, Getúlio Manoel Inácio, Juliana Machado da Silveira, Isolina Machado Oliveira, Helena Francisca da Silva, Zenaide Maria de Souza | 1ª CÂMERA: Daniel Choma | 2ª CÂMERA: Chico Rocha, Anselmo Döll, Guido Roberto Löff, Aline Maciel, José Olir Mocelin | ENTREVISTAS: Tati Costa, Giselle Miotto, Sara Melo, Alexandre de Medeiros | SOM: Tati Costa, Adélia Ribeiro, Meline Coelho da Costa | FOTO STILL: Sonia Maria de Barros Machado, Alexandre Schröder, Zé Paiva, Domingos de Salvi, Mauricio Martins



documentários \_intergerações



# Serenata de Natal

[ 08' | HD | 2012 ]

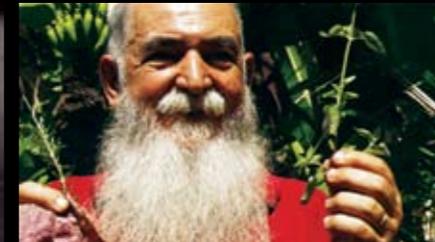
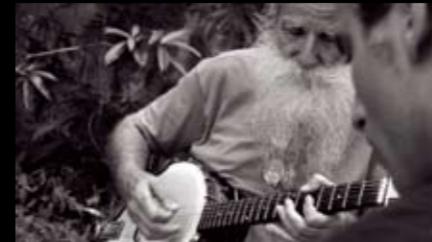
**Ecoa pela rua. Ultrapassa o som dos cães, dos carros.  
Atravessa portões, bate de porta em porta. Toca corações.  
Campeche adentro e noite afora, registros de apresentação do grupo  
Serenata de Natal do Campeche, realizada em 2011, que contou  
também com a participação do Gira Coro e convidados.**

DIREÇÃO, FOTOGRAFIA E EDIÇÃO: **Daniel Choma** | PESQUISA E PRODUÇÃO: **Tati Costa** | TRILHA MUSICAL: **Terno de Reis Serenata de Natal do Campeche**  
ENTREVISTADOS: **Elenir Manoel Inácio, Pedro Andrino Vigânigo, Glória Francisca Inácio da Silva, Getúlio Manoel Inácio, Helena Francisca da Silva**  
1ª CÂMERA: **Daniel Choma** | 2ª CÂMERA: **Claudia Félix** | ENTREVISTAS: **Tati Costa, Daniel Choma, Sara Melo, Daniel Starling, Rubens Lopes**  
SOM: **Tati Costa, Alberto Gonçalves, Meline Coelho da Costa, Domingos de Salvi** | FOTO STILL: **Alexandre Schröder, Daniel Choma, Domingos de Salvi**



Dudu do Banjo e seu filho Emanuel de Souza Pereira, músicos.

documentários \_intergerações



## Camará Blues

[ 07' | HD | 2012 ]

**Um filósofo escritor. Um músico tocador de banjo. Um ambientalista. Em comum, além da barba, muita experiência sobre as artes da escrita, da música e da natureza. Toques, sons, aromas e sabores. Este ensaio audiovisual traz entrevistas (aparentemente) desconexas regidas pelo acaso, entre alecrins, pensamentos e dissonâncias. "Processo é começo continuado. Fundamentalismo é quando o processo se fecha. Seitas selam".**

DIREÇÃO, FOTOGRAFIA E EDIÇÃO: **Daniel Choma** | PESQUISA E PRODUÇÃO: **Tati Costa** | TRILHA MUSICAL: **Dudu do Banjo e Emanuel de Souza Pereira**  
ENTREVISTADOS: **Alesio Passos, Francisco Eduardo de Souza (Dudu do Banjo), Emanuel de Souza Pereira, Euclides Sandoval**  
1ª CÂMERA: **Daniel Choma** | 2ª CÂMERA: **Anselmo Dóil, Guido Roberto Löff, Daniel Sá** | ENTREVISTAS: **Tati Costa, Rubens Lopes, Daniel Choma**  
SOM: **Tati Costa, Adélia Maria Ribeiro, Juliana Regazoli** | FOTO STILL: **Zé Paiva, Alexandre Schröder**

oficinas\_intergerações

# Ribeirão da Ilha

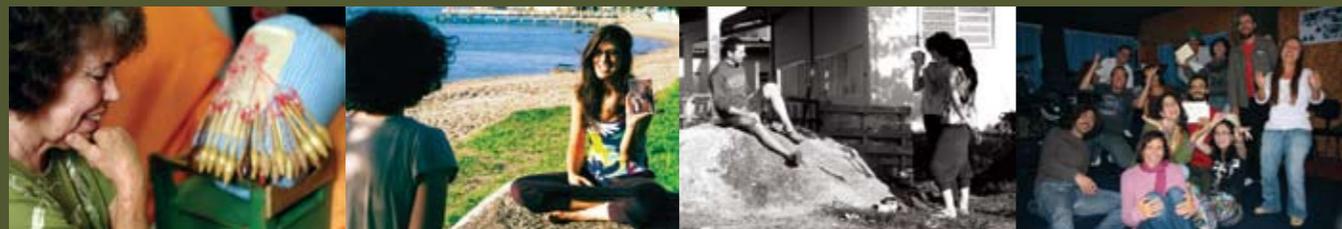
**Apoio:** Banda da Lapa - Ponto de Cultura Educação Musical Popular

**Produção:** Instituto Câmara Clara. **Ministrantes:** Daniel Choma e Tati Costa.

**Participantes:** Ana Isabel Rodríguez Ortega, Anderson André Lima, Aline Maciel, Camila Evaristo da Silva, Humberto César Ribeiro, Jéssica da Silva Martins Lopes, Rafael Attili Chiea, Reginaldo Maurício Ferreira, Sandra Nogueira, Sérgio Aspar, Vanessa Silveira, Valéria Valdeci Martins, Wellington Carlos Correa, Sigval Schaitel, Carlos Eduardo da Cunha.

**Entrevistados:** Marlene Carolina Lopes, Bernardina da Silva Martins, Maria Ferreira, Anita Lopes de Moraes.

**Faixa etária dos participantes:** 17 a 86 anos de idade.



Sérgio, Sig, Camila e Reginaldo, participantes da oficina Intergerações, em prática de fotografia e vídeo nas areias do Ribeirão da Ilha.



oficinas\_intergerações

# Armação

**Apoio:** Ponto de Cultura Baleeira - Instituto 3 Vermelho.

**Produção:** Instituto Câmara Clara. **Ministrantes:** Daniel Choma e Tati Costa.

**Participantes:** Alexandre Pedro de Medeiros, Chico Rocha, Giselle Miotto, Lisiane Mâncio, Maurício Levandoski Martins, Mônica Marcon, Silvana de Castro Motta, Floriano Oliveira, Sonia Maria de Barros Machado, José Odir Mocelin, César Pompeo, Vicente Pozzobon, Hermes Guedes, Isabella Almeida Spigolo, Maria Rocha Pozzobon.

**Entrevistados:** João Bernardino Machado, Aldo Correa de Souza, Isolina Machado Oliveira, Juliana Machado da Silveira, Florentina Olina Coelho.

**Faixa etária dos participantes:** 21 a 88 anos de idade.



João Bernardino Machado,  
pescador, agricultor e artesão;  
Tati Costa, historiadora.



oficinas\_intergerações

## Campeche

**Apoio:** Ponto de Cultura TOCA - Rádio Comunitária do Campeche.

**Produção:** Instituto Câmara Clara. **Ministrantes:** Daniel Choma e Tati Costa.

**Participantes:** Alberto Gonçalves, Alexandre Schröder, Anselmo Döll, Cláudia Félix, Domingos de Salvi, Francine Canto, Gláucia Pimentel, Guido Roberto Löff, Zé Paiva, Juliana Regazoli, Meline Coelho da Costa, Oberdan Piantino, Rubens Lopes, Sara Melo, Warlise Weller, Daniel Starling, Daniel Sá, Adélia M. Ribeiro.

**Entrevistados:** Alesio Passos, Elenir Manoel Inácio, Getulio Manoel Inácio, Dudu do Banjo (Francisco Eduardo de Souza), Glória Francisca Inácio da Silva, Helena Francisca da Silva, Pedro Andrino Vígango.

**Faixa etária dos participantes:** 23 a 77 anos de idade.



Meline, Juliana, Domingos e Sara,  
participantes da oficina Intergerações.

oficinas\_intergerações

# Itacorubi

**Apoio:** Laboratório de Imagem e Som – LIS/UEDESC

**Produção:** Instituto Câmara Clara. **Ministrantes:** Daniel Choma e Tati Costa.

**Participantes:** Ana Caroline Azi, Ana Paula Knaul, Andrea Rosas de Almeida, Carolina Corbellini Rovaris, Eduardo Macedo, Fernando Angeoletto, Fernando Leocino da Silva, Gabriel Teixeira, Gabriella Pieroni, Jéssica Cristina Back Gamba, José Carlos da Silveira, Juliana Costa Muller, Leandro Pellizzoni, Luana da Silva, Luiz Henrique dos Santos, Luiz Henrique Pereira, Maíra Pires Andrade, Márcia Ramos de Oliveira, Marina Moros, Matheus Henrique Santos, Rodrigo Silva, Thiago Juliano Sayão, Vera Cristina de Oliveira. **Entrevistados:** Benta Eugênia Ramos, Zenaide Maria de Souza, Euclides Sandoval.



Carolina e Luiz Henrique, durante exercício de gravação de entrevistas.





Bernardina da Silva Martins, rendeira.

## Os portadores de nossa memória cultural

por José Carlos Ferrigno

**Para que servem os velhos em uma sociedade individualista, consumista e alienante como a nossa?** Para nada. Perdemos o sentido de vida comunitária. O isolamento tornou-se marca registrada de nossos dias. Sobretudo nas grandes cidades, onde habita a “multidão solitária”, famosa expressão de David Riesman. Nesta era em que tudo vira mercadoria cada vez mais descartável, não há tempo para a rememoração, para a recuperação de acontecimentos porque a tradição cultural encontra-se destituída de valor.

**As relações humanas** neste mundo apressado em alcançar o futuro sem saber para que, não permitem tempo para o ato de “conversar por conversar”, oportunidade para

se viver intensamente o presente. Exaltando a arte da narrativa, Walter Benjamin, já em 1936 (é difícil não se impressionar com suas proféticas observações), lamentava que a capacidade de contar histórias se encontrava em vias de extinção em um mundo que privilegiava a informação, dispensando a capacidade crítica do ouvinte. De fato, vivemos um tempo em que a narrativa agoniza num mundo pobre de experiências. Nesse contexto a marginalização de nossos velhos é consequência inevitável. Vistos como seres inúteis e ultrapassados, sua experiência é desvalorizada. E quem perde com isso? Todos nós. Os velhos, porque ficam condenados ao abandono. Os jovens, porque se privam do conhecimento de sua própria história.



Marlene Carolina Lopes, rendeira.

E a sociedade, pela impossibilidade de auferir os benefícios da integração das tradições com as novas, saudáveis e bem vindas invenções trazidas pela juventude.

**Por toda essa conjuntura desfavorável** que vive a sociedade contemporânea, desde os anos 90 assistimos ao florescimento de programas intergeracionais, ações que objetivam provocar o encontro entre jovens e idosos para troca de experiências em um processo de coeducação de gerações. Em pesquisas que tive a oportunidade de realizar (Ferrigno, 2009 e 2010), pude constatar o enriquecimento emocional e intelectual que essa convivência pode propiciar.

Pude sistematizar algumas modalidades de conhecimento que os velhos oferecem aos jovens, desde que tenham oportunidade para isso, a saber: 1) histórias da família, do bairro,

da cidade, do país, fornecendo aos jovens a oportunidade de conhecerem suas origens e de se apropriarem da cultura de sua gente; 2) valores éticos, como honestidade e solidariedade que devem ser perenemente conservados, pois, sem eles, por serem fundantes do processo civilizador, se instala a barbárie nas relações sociais; 3) saberes práticos do cotidiano no contato com a natureza, com as coisas e pessoas, como habilidades para construções, consertos e reformas (receitas culinárias, remédios naturais, artesanato etc); e 4) informações e modelos de como enfrentar a velhice, a doença e a morte, ou seja, uma educação para o envelhecimento. Em minha experiência, recolhi vários depoimentos de jovens que ao criticarem determinado idoso tomam consciência de como não querem ficar quando velhos. Outros, ao falarem com



Alesio Passos, ambientalista.

admiração pelos velhos que conheceram, nos dão pistas de que os vêem como tipos inspiradores de como se viver a velhice.

**Reciprocamente, constatei que os jovens tem muito a ensinar aos idosos**, como: 1) uma educação para novas tecnologias, como manejo de computadores e navegação pela internet; e 2) uma maior flexibilidade de comportamentos sociais de acordo com os novos valores morais, ou seja, uma educação para os novos tempos. Por isso, podemos falar de uma coeducação de gerações como uma das metas a serem perseguidas nas experiências de aproximação intergeracional.

**A integração etária**, sob a égide da inclusão social para jovens e velhos é um dos objetivos de várias ações comunitárias. Como exemplo, há o projeto Ação Griô Nacional, iniciativa de

valorização dos anciãos das comunidades na perspectiva de aproximá-los das novas gerações para o repasse de seus conhecimentos. Integra os Pontos de Cultura vinculados ao Ministério da Cultura “cuja missão é criar e instituir uma política nacional de transmissão dos saberes e fazeres de tradição oral em diálogo com a educação formal, para o fortalecimento da identidade e ancestralidade do povo brasileiro, por meio do reconhecimento do lugar político, econômico e sócio cultural dos griôs, das griôs, mestres e mestras de tradição oral do Brasil” (Ação Griô Nacional, 2009/2010). Na cultura popular está presente a transmissão oral dos conhecimentos dos velhos da comunidade que são respeitados e cuja imagem junto aos jovens resulta em admiração, desejo de convívio e modelo positivo de velhice.



Valéria Valdeci, jornalista;  
Maria Ferreira, rendeira,  
Jéssica Lopes, estudante.

**O universo da cultura popular** é um importante contexto para o encontro de gerações (embora raro, considerando-se as atuais feições do cotidiano na sociedade globalizada e de consumo em que vivemos). Nas tradições populares os velhos possuem os conhecimentos necessários para a preparação e execução de rituais e eventos festivos de suas comunidades. Por isso, são vistos como importantes e são reconhecidos e prestigiados pelos jovens. Nomeiorural, nascidadespequenas e em algumas periferias dos grandes centros urbanos, sobrevivem ainda festas comunitárias como as festas juninas, dentre outras. Do pouco que restou de tais manifestações nas grandes cidades, o Carnaval, sem dúvida, se destaca. De fato, nas escolas de samba, ao menos nas mais tradicionais, os velhos compositores, puxadores

de enredo, músicos ou passistas são muito respeitados pelos mais moços.

**O oposto de isolamento**, condição ainda de muitos velhos, é a integração. Muito se fala da necessidade da integração do idoso ao convívio social. Acredito que uma de suas formas se dê pela aproximação das jovens gerações. Em nossos dias, é cada vez mais clara a importância do contato com a juventude, pela preciosa oportunidade de aquisição de novos conhecimentos e valores da sociedade contemporânea. Em suma, talvez, estejamos vivendo um bom momento para esse contato em decorrência da atual veiculação de uma imagem mais positiva de velhice.

Comentando as potencialidades da Terceira Idade que tendem a valorizar a velhice, Ecléa Bosi (2003, editorial) destaca a ampla

compensação das perdas da vitalidade física e da memória imediata para detalhes do cotidiano, pelo desenvolvimento da memória social, da sensibilidade e do discernimento voltados para as coisas essenciais da vida. Tais qualidades se mostram indispensáveis no relacionamento com os jovens. Em um movimento dialético, de retroalimentação, como num ciclo virtuoso, o estabelecimento de uma imagem mais positiva da velhice tem favorecido a aproximação de jovens e idosos em atividades de lazer e, na medida em que essa interação mostra aos jovens que os mais velhos permanecem capazes, a imagem positiva se reafirma, se consolida.

Segundo Venturi e Bokany (2007, p. 21-31) a pesquisa nacional "Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade" concluiu que a imagem da velhice ainda é mais

negativa do que positiva e que ainda há muitos preconceitos contra os velhos. Mas, conclui também que há uma clara percepção, tanto por parte dos jovens, quanto dos próprios idosos, de que sob vários aspectos essa fase da vida traz benefícios, como a conquista da experiência, da sabedoria, do tempo livre, da independência econômica e dos novos direitos sociais (como prioridade em fila, gratuidade em ônibus e descontos em eventos culturais). Os próprios idosos avaliam que ser idoso hoje é melhor do que foi na época de sua juventude.

**Como um alerta importante**, devemos ter presente que ao constatarmos uma nova imagem de velhice, é bom que fique claro, referimo-nos a um fenômeno reservado a determinados estratos da população brasileira, à classe média e alta. O Brasil é um país muito

contrastante e injusto em relação às condições de vida de seu povo. Por isso, deveríamos pensar de modo amplo em "velhices brasileiras". De um lado, temos velhos, que preferem ser chamados de idosos ou Terceira Idade ou até "Melhor Idade" e outros eufemismos. Eles consomem as novidades do mercado, cuidam do corpo e do espírito com esmero e cuidado. De outro lado, não nos esqueçamos, temos, porém, uma velhice sofrida, sombria, solitária, pobre e doente, que depende da atenção de familiares, da comunidade, dos poderes públicos, dos jovens, enfim, de todos nós. Devemos cuidar dos nossos velhos da mesma maneira como gostaríamos de ser tratados por nossos filhos e netos quando chegarmos à derradeira fase de nossas vidas.

\*

*O programa SESC Gerações que tive a oportunidade de coordenar por vários anos, constitui um exemplo de ação que busca a aproximação etária para o desenvolvimento da coeducação e da solidariedade entre as gerações. Abaixo, algumas imagens dessas atividades.*



**José Carlos Ferrigno é Doutor em Psicologia Social pela USP, Especialista em Gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, e pela Universidade de Barcelona. Especialista em Gestão de Programas Intergeracionais pela Universidade de Granada. Professor na área de Gerontologia e consultor de programas intergeracionais. Autor de diversos artigos sobre o tema e do livro *Coeducação entre Gerações* (2 edições, 2003 e 2010).**

## De canetas e artesanaria, identidades e funções

por **João-Francisco Duarte Jr.**

Era 1960, e tendo eu sido matriculado no primeiro ano do Grupo Escolar, começava ali meu percurso pela educação dita formal. Nessa série inicial do então chamado Ensino Primário nós, crianças, éramos alfabetizados empunhando nossos lápis nº 2 meticulosamente apontados, de modo que o grafite terminasse numa ponta afiladíssima. O que, entendo agora, configurava-se essencial para que adquiríssemos não apenas as primeiras letras, mas também para desenvolver nossa motricidade: havia que se aprender a dosar a pressão do instrumento sobre o papel, de maneira a se obter uma escrita fina e sem quebrar a sua ponta. Como afirma o filósofo e sociólogo Richard Sennet

em sua marcante obra *O artífice* (Record), toda artesanaria é sempre uma questão de boa articulação, ou de harmonia, entre a mente, o olho e a mão. Nosso corpo precisa adquirir um saber sensível que o permita desempenhar a tarefa com crescente fluidez e destreza, sob a supervisão de uma consciência que faz as avaliações e correções necessárias à evolução da habilidade. Como já estava alfabetizado antes de entrar na escola, percebo hoje o quanto essas aulas serviram para melhorar a minha caligrafia, num aprimoramento constante da referida harmonia mente-corpo, requisitada pelo ato de escrever.

Por isso parece equivocada a atitude de



**Juliana Machado da Silveira,**  
rendeira.

certos educadores em defesa do fim da escrita manual nas escolas, mesmo nas séries iniciais. Segundo eles, em nosso mundo informatizado melhor seria as crianças começarem desde logo, desde a sua alfabetização, a digitarem as primeiras letras em teclados de computadores, deixando de lado lápis e canetas. Ora, além de se afigurar imprescindível que tenhamos uma habilidade caligráfica, dado existirem situações cotidianas em que temos de nos valer de lápis e papel, eles demonstram desconhecer exatamente esse treino mente-olho-mão tão essencial para o desenvolvimento infantil.

Nesse sentido, é extremamente significativo que altos executivos da indústria da informática norte-americana venham contrariando tais defensores dos teclados precoces e propugnando que os seus filhos só devam

dispor das ferramentas computacionais num estágio mais avançado de sua educação. Veja-se o que escreveu o repórter Matt Richtel no New York Times:

*“O vice-presidente de tecnologia do eBay matriculou seus filhos em uma pequena escola de Los Altos. O mesmo fizeram funcionários de gigantes do Vale do Silício como Google, Apple, Yahoo! e Hewlett-Packard. Mas as principais ferramentas de ensino da escola nada têm de tecnológico: caneta e papel, agulhas de tricô e, ocasionalmente, argila. Nenhum computador à vista. Nenhuma tela. Nos EUA, as escolas correm para equipar suas salas de aula com computadores, e muitas autoridades da educação consideram insensato fazer o contrário. Mas há um ponto de vista oposto no epicentro da economia tecnológica, onde alguns pais e educadores*

*difundem a mensagem de que computadores e ensino não são boa mistura. (Republicado na Folha de S. Paulo de 29/10/2011.)*

A artesanaria, a habilidade corporal, o desenvolvimento de um saber sensível mais amplo se revela imprescindível num tempo como o nosso, em que o contato com a realidade vem se dando mais e mais por meio de telas, enquanto o corpo se torna obeso, lento, preguiçoso e assolado por inúmeros distúrbios funcionais. Empunhar um lápis bem apontado em busca da alfabetização equivale, pois, a portar uma pequena espada nessa luta contra a atrofia de nossas habilidades corporais, tão estimulada por uma indústria que busca, avidamente e desde a mais tenra infância, os seus consumidores.

Voltemos, porém, aos anos sessentas. É

preciso notar que durante aquela série inicial do Ensino Primário só nos era dado escrever com lápis, sendo vetado o uso de canetas, o que se explica primeiramente pela aquisição da correta pressão sobre o papel, comentada atrás. E depois porque aprender a lidar com a tinta, que produzia pingos e borrões, num tempo sem esferográficas popularizadas, exigia que já houvesse uma sintonia mais precisa entre mente, olho e mão no ato da escrita.

Assim é que no segundo ano, orgulhosos, podíamos então passar a segurar as nossas canetas e a grafar indelevelmente as palavras. O que, na esmagadora maioria das vezes, era feito por meio de uma “caneta de pau”: uma haste de madeira em cuja ponta se fixava uma pena de metal, a qual era então mergulhada no tinteiro preso à nossa carteira, tinteiro esse que, antes



da aula, havia sido diligentemente completado pelos serventes da escola. Mais à frente, àqueles alunos cujos pais dispunham de maior condição econômica, permitia-se a utilização de canetas-tinteiro, que podiam ser trazidas já cheias de casa ou eram carregadas nos reservatórios das salas de aula. E esse era um objeto a ser cuidado com carinho: a nossa caneta, um instrumento de trabalho que merecia um estojo acolchoado com algodão e a companhia de um limpa-penas de tecido, mais um mata-borrão para secar as linhas escritas e evitar manchas indesejáveis. Com certa frequência havia então que se cuidar da caneta, esgotando-a e lavando-a (externa e internamente) com água, de modo a se retirarem crostas secas de tinta que viessem a atrapalhar o desempenho de sua função.

Nossa caneta-tinteiro não era apenas

um instrumento, uma ferramenta que nos interessasse tão-só por sua funcionalidade, mas um objeto pleno de sentido. Havia nela uma beleza, que podia assumir variadas cores e modelos, e ainda se mostrava portadora de nossa certeza de haver crescido e nos tornado capazes de registros indelévels com boa caligrafia. Em suma, nossa relação com ela não era apenas prática, funcional, mas arraigadamente sensível – ela era depositária de nosso carinho, cuidado e desvelo. Nossa caneta surgia como portadora de uma identidade, que a tornava única e especial aos nossos olhos, mãos e coração.

Quanta diferença, passados esses cinquenta anos! Não só porque se aboliu quase completamente aquele treino de motricidade fina com lápis, papel e aula de

caligrafia, mas principalmente pela relação que se mantém agora com as canetas. Que, esferográficas e de plástico, com pequenas e insignificantes variações entre si, tornaram-se descartáveis. Descartável: palavra-chave para se compreender o grosso de nossas conexões com o mundo, com as coisas e as pessoas que o compõem. Antes, a identidade de nossa caneta se estendia para regiões além de sua simples funcionalidade – ela guardava sentidos outros e tinha certa “personalidade”, digamos assim. Já hoje, ao acabar a carga de uma dessas esferográficas o que se tem na mão não é mais do que lixo, o qual deve ser atirado fora, sendo ela então substituída por outra idêntica e que esteja operativa. Tal objeto, portanto, não mantém qualquer identidade própria a não ser a sua estrita função; ela existe tão-só para

funcionar, e se deixar de fazê-lo não há nenhum outro vínculo que a prenda a mim, havendo se metamorfoseado num detrito cujo destino é emporcalhar o planeta.

Numa sociedade que cultiva e incentiva o uso de objetos crescentemente descartáveis, a identidade destes se resume à sua função. Não há que se estabelecer com eles qualquer relação para além do mero uso, não há que se manter com eles qualquer vínculo sensível ou emocional. Isto não interessa à indústria, que fomenta a nossa indiferença para com todo e qualquer aspecto que não seja a funcionalidade das coisas. E o comentário do parágrafo anterior, de que ao terminar a carga de uma caneta ela deve ser prontamente substituída, também tem um quê de ficção. Porque raramente alguém fica de posse de uma dessas canetas até o



completo esgotamento de sua tinta. Não: tão insignificante objeto não merece nem o nosso mínimo cuidado, nossa ínfima atenção, e assim ela é esquecida, perdida ou desconsiderada, mesmo estando mantida a sua precípua função. E esse nosso pretense desapego, esse nosso ilusório cuidado apenas com “coisas mais importantes” só faz aumentar a alegria e o lucro da indústria, bem como o lixo industrial depositado na natureza. Definitivamente, os vínculos sensíveis que nos uniam às coisas vão evanescendo, em favor do único elo que importa à prosperidade econômica: o funcional (apoiado, evidentemente, na distinção do status social).

O mais assustador, entretanto, é notar-se que tal critério de valor calcado na funcionalidade se espalha para além dos objetos de uso, atingindo os territórios das relações interpessoais e de

trabalho. Funcionários de uma organização, como indica seu designativo, devem funcionar, serem eficientes em escala ampliada. Envelhecendo, vão se tornando, para essa estreita visão, equivalentes a uma caneta com pouca carga ou a uma pilha com pouca energia, o que implica serem logo descartados e substituídos por outros mais jovens, mais funcionais. Para o mercado de trabalho, quarenta anos de idade significa o limite da funcionalidade e o limiar da descartabilidade. Pouco importa a experiência, a sabedoria adquirida por essas pessoas, e de nada valem seus vínculos emocionais com colegas e com a própria organização. Em tal ambiente a identidade se resume, feito no caso dos objetos, ao mero desempenho de uma função. O mundo é do jovem, do atual, do mais recente, da novidade: em torno deste mote é

que gira também a publicidade diuturnamente despejada sobre nós. Foram-se os tempos de se respeitar e louvar a sabedoria dos anciãos – estes, para a sociedade de consumo, não se mostram interessantes, pois pouco produtivos funcionalmente.

E pior ainda é se constatar essa miopia, que enxerga função e identidade ponto a ponto sobrepostas, vir sendo assumida na vida diária de grande parte da sociedade. Somos estritamente aquilo que fazemos: professores, médicos, lixeiros, contadores, jardineiros, economistas etc., sem qualquer espaço para a observância de características pessoais, como gostos, paixões e outras idiosincrasias. Nossa identidade se restringe à função produtiva que desempenhamos na comunidade. O que torna cartas fora do baralho tanto o desempregado

quanto o aposentado, o qual deve suportar ainda o óbice de não ser mais jovem, dado a pouca idade ter se tornado o indicador de uma melhor e maior produtividade funcional.

Por conseguinte se pode, nesta altura, afirmar que aquilo que viemos perdendo foi essencialmente uma visão mais respeitosa dos objetos e do humano trabalho que os engendrou, pois mesmo que produzidos em máquinas e equipamentos automatizados, tanto eles como estes decorrem do labor, da inventividade e da artesanias de sujeitos de carne e osso. É preciso derrotar essa percepção equivocada que a sociedade de consumo nos quer impingir, a de que os objetos constituem tão-só um aglomerado de matéria cujo valor se resume ao uso e ao status que eles conferem ao seu possuidor; coisas que precisam e devem ser descartadas

com frequência, podendo ser esquecidas ou perdidas, feito seres insignificantes que nada têm a ver com a inteligência e a sensibilidade humanas.

Porque somos, na verdade, dotados de duas maneiras de perceber o mundo: a prática e a estética. A percepção prática guia-se pela função das coisas, pela sua praticidade, sua instrumentalidade, isto é, por aquilo que podemos fazer e conseguir com elas. Já a percepção estética se detém na forma dos objetos, na maneira como eles tocam os nossos sentidos e nos despertam emoções, memórias e o sentimento da beleza. E o que ocorre hoje é precisamente o desequilíbrio entre essas duas percepções, com a primeira se afirmando como a principal, como a mais interessante, lucrativa e moderna. Numa situação em que o valor

sensível de um objeto é levado grandemente em conta, com certeza ele não acabará descartado por haver envelhecido ou por não desempenhar tão bem a sua função quanto um modelo mais atualizado. Nossa relação com ele é também poética, emotiva, profundamente humana.

E por fim, como fecho para estas reflexões algo ligeiras, escolho trecho de um ensaio que publiquei há algum tempo; com o título "O Poético, a Poesia e o Poema na Educação Estética", ali se pondera que

*...para a percepção estética não interessa a função dos objetos, detendo-se ela em sua forma, em sua maneira peculiar de aparecerem para nós. As aparências das coisas do mundo (isto é, suas formas) surgem para nós como expressivas, vale dizer, como portadoras simbólicas de sentimentos humanos, como capazes de espelhar e revelar certas emoções, certas intensidades de vibração*





de nossa vida diante da vastidão do real. Por isso cada objeto, cada evento, para a percepção estética, é único, não importando sua similitude com o conjunto de seus congêneres. Sua forma é particular e nos ilumina, fazendo-nos ver uma ou mais dimensões de nós mesmos. O metal enegrecido e arranhado desta tesoura, com sua ponta já gasta e os pequenos dentes escavados em sua superfície de corte compõem um objeto cuja presença me abre a percepção do tempo e da finitude humana, ao evocar o sentimento da história que vige na própria família, transportando-me até há muito, quando a avó se valia deste utensílio em suas noites de lampião e costuras. (Para a percepção prática, todavia, tal instrumento merece a aposentadoria ou até o lixo, dada a sua atual inoperância funcional).” - em *A montanha e o videogame: escritos sobre educação*. 2010, Campinas: Papirus Editora, p.75.

\*

**João-Francisco Duarte Jr. é doutor em educação, livre-docente em artes e professor do Instituto de Artes da Unicamp, publicou, entre outros livros, *O que é beleza* (Ed. Brasiliense), *O sentido dos sentidos: a educação do sensível* (Criar Edições) e *A montanha e o videogame: escritos sobre educação* (Papirus Editora).**

Isolina Machado Oliveira, rendeira.



## Sobre a Câmara Clara

Instituto de Memória e Imagem

Fundada em 2007, a Câmara Clara é uma associação cultural sem fins lucrativos que congrega fotógrafos, cineastas, historiadores, músicos e educadores dos estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Suas ações estão focadas no registro, preservação e difusão do patrimônio material - acervos fotográficos e documentais - e do patrimônio imaterial - memórias, saberes e artes do fazer de grupos sociais periféricos.

As atividades abrangem desde recuperação e organização de acervos à realização de oficinas, entrevistas, exposições, produção e circulação de documentários, organização e publicação de livros, artigos, revistas e websites.

Os resultados gerados circulam em escolas, cineclubes, bibliotecas e TVs educativas, bem como na distribuição gratuita de Livros e DVDs.

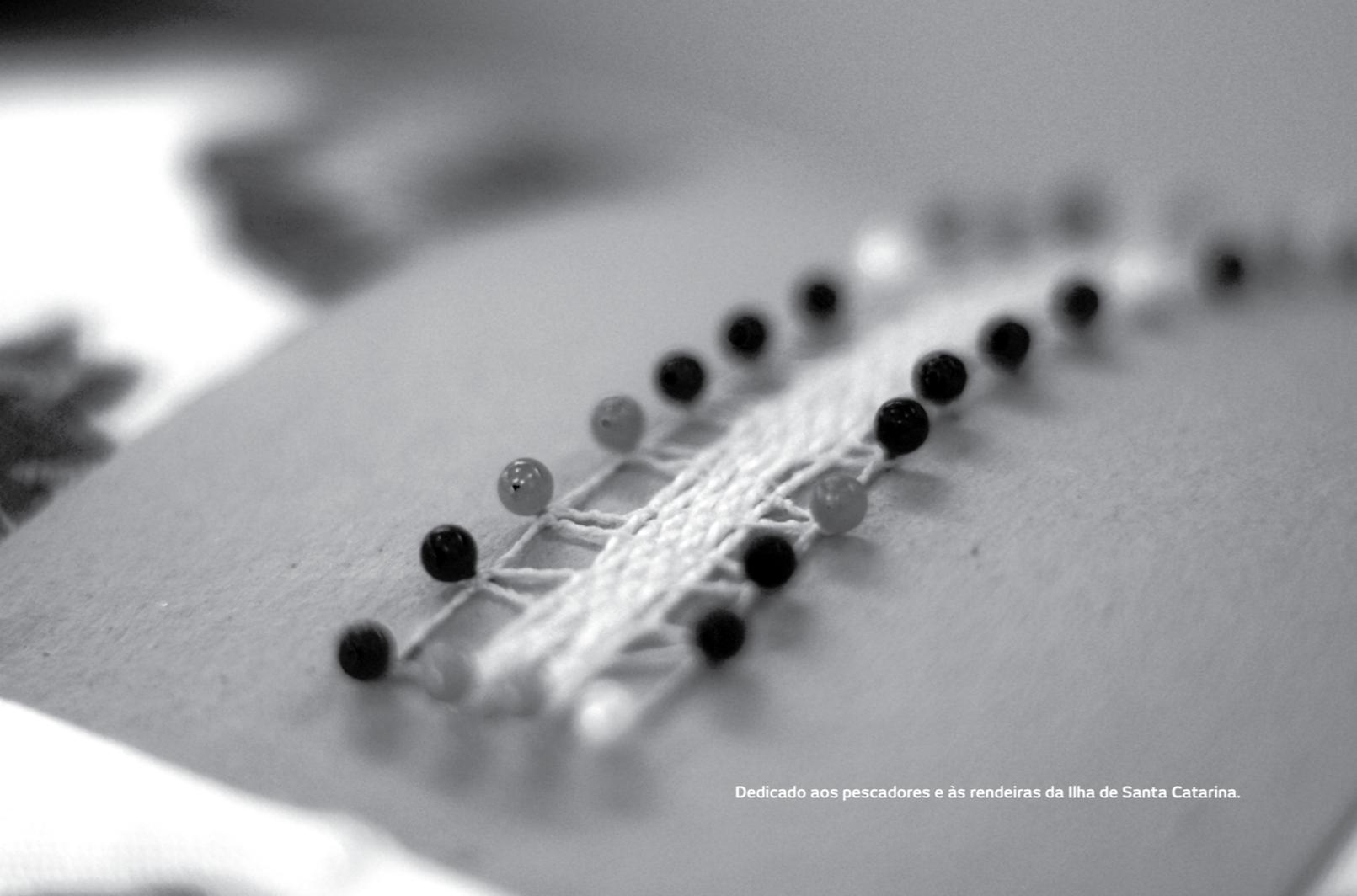
Em tempos de midiatização global da cultura, torna-se essencial a apropriação estética das tecnologias do som, da fotografia, do vídeo e das artes gráficas para a identificação e o fortalecimento de expressões culturais locais. Estas fontes e ferramentas de pesquisa têm, cada vez mais, o poder simbólico de integrar as diferentes gerações - a dos netos da cultura digital aos avós da cultura artesanal.

Assim como o presente está em constante transformação, as lembranças e construções sobre o passado também se refazem, ponto a ponto. A cada encontro entre pessoas, imagens e canções, gira o caleidoscópio da vida.

**Memórias em movimento.**

[contato@camaraclara.org.br](mailto:contato@camaraclara.org.br)





Dedicado aos pescadores e às rendeiras da Ilha de Santa Catarina.



Este livro digital *Intergerações* - bem como as fotos e textos aqui presentes - está licenciado sob uma licença

Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Não Adaptada.

Para detalhes acesse: [http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/deed.pt_BR)